

## **EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DO PERÍODO DE 2005 A 2015**

Zuleika Leonora Schmidt Costa, Denise Regina Quaresma da Silva (orient)  
UNILASALLE - CANOAS

### **Resumo**

A pesquisa, de cunho teórico, insere-se na linha de investigação *Formação de professores, teorias e práticas educativas* do Programa de Pós-graduação - Doutorado em Educação do Centro Universitário La Salle (UNILASALLE, Canoas – RS). Objetiva examinar os pressupostos Educação ou Orientação Sexual na Educação Básica no Brasil, presentes nas publicações realizadas em periódicos nacionais escritos em Língua Portuguesa, qualificados no Sistema Webqualis nos estratos A2 e A1 no espaço temporal 2005-2015. O *corpus investigativo* são publicações realizadas em periódicos nacionais na área de avaliação da Educação, escritos em Língua Portuguesa, qualificados no Sistema WebQualis entre os estratos A1, A2 . A análise dos dados será realizada através da Análise de Conteúdo (Bardin, 1988), os dados serão categorizados em eixos temáticos. Almejamos que esta pesquisa: a) constitua-se numa referência para outros pesquisadores, contribuindo para o avanço dos estudos no que se refere aos pressupostos veiculados em periódicos acerca da Educação ou Orientação Sexual presentes na Educação Básica no Brasil; b) sinalize para as tendências teóricas e respectivas abordagens na produção analisada, em termos de Educação ou Orientação Sexual, sinalizando para novas possibilidades discursivas em termos de aprofundamento do tema em pauta.

**Palavras-chave:** Educação Sexual; Orientação Sexual, revisão sistemática

**Área Temática:** Ciências Humanas

### **1. Introdução**

Este estudo é de cunho qualitativo, uma análise documental de cunho teórico e insere-se na linha de investigação *Formação de professores, teorias e práticas educativas* do Programa de Pós-graduação - Doutorado em Educação do Centro Universitário La Salle (UNILASALLE, Canoas – RS). E objetiva determinar quais os estudos sobre Educação ou Orientação Sexual presentes em publicações realizadas em periódicos nacionais escritos em Língua Portuguesa, qualificados no Sistema Webqualis nos estratos A2 e A1 no espaço temporal 2005-2015.

Este estudo pretende entender como as discussões sobre gênero e sexualidade vem se apresentando como temática nas escolas preconizada a partir dos documentos legais como os PCNs (1997) e mais especificamente os PCN Temas Transversais Orientação Sexual- (1998). Altmann(2001) coloca que:

A criação do tema transversal Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) é outro indício da inserção deste assunto no âmbito escolar.<sup>3</sup> O interesse do estado pela sexualidade da população torna-se evidente a partir desta proposta. De acordo com os PCNs, em virtude do crescimento de casos de gravidez indesejada entre adolescentes e do risco da contaminação pelo HIV, o tema Orientação Sexual criado como um dos temas transversais a ser trabalhados ao longo de todos os ciclos de escolarização. ( ALTMANN, p.2, 2001).

Nos anos 50, Simone de Beauvoir forjou a célebre frase: "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher". Assim percebe-se que o disparador para esta temática vem se avolumando e entende-se "como um conjunto de reflexões e teorizações, exuberante e fértil, polêmico e disputado, não só no campo do feminismo e dos estudos de gênero, como também no campo dos estudos da sexualidade".(Louro, 2008, p.2). Desta forma as condições sexuais de ser homem ou mulher não estão dadas ou naturais, elas são sim construções histórica, sociais e culturais. ou seja a construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, e mesmo que os corpos sejam nomeados como mulher ou homem a macho ou fêmea estas denominações biológicas não são determinantes da classificações em Masculino e Feminino. Pretendo para entender Masculino e Feminino neste estudo, seguir na linha dos estudos feministas das últimas décadas para designar uma outra dimensão daquela apresentada na concepção gramatical ou seja, de que feminino e masculino quer dizer pessoas de sexo diferentes no plano biológico e relaciona no sentido intrínseco do masculino com o feminino.

## **2.Referencial Teórico e Trabalhos Relacionados**

O referencial teórico que fundamenta a investigação se estrutura nos autores situados na perspectiva dos Estudos Culturais. Em consonância com a posição de Silva (2002, p. 134), destaco que "[...] as análises feitas nos Estudos Culturais não pretendem nunca ser neutras ou imparciais. [...] tomam claramente o partido dos grupos em desvantagem nessas relações".

Dos Estudos Culturais, focalizo a noção de representação numa perspectiva que afasta as compreensões que consideram a representação cultural como um processo mental ou como um reflexo da realidade, buscando uma correspondência ideal, correta, verdadeira com as coisas do mundo.

Dessa forma, a ideia de representação relaciona-se com as práticas de produção de significados, em especial na noção de *representação cultural* (HALL, 1997a, 1997b). Com base em Hall (1997a, 1997b), a representação cultural é compreendida não como um processo mental ou como um reflexo da realidade, buscando uma correspondência ideal, correta, verdadeira com as coisas do mundo. Essa noção de representação relaciona-se com as práticas de produção de significados, interessando sons, palavras, imagens ou conjunto de significantes por meio dos quais se produzem os significados em determinada cultura. A representação utiliza-se da linguagem para descrever o mundo que nos rodeia e, muitas vezes, ao fazer isso, acaba padronizando-o (COSTA, 2002). Portanto, a representação consiste em uma prática de significação que produz conhecimento (SILVA, 2007).

A representação é a inscrição, marca, traço, significante e não o processo mental. Ela é a face material, visível, palpável do conhecimento. Perguntar sobre a representação é perguntar sobre quem esta conhecendo o mundo e como este o conhece. Há uma relação entre o poder, de um lado, e o vínculo entre conhecer e representar, de outro. "*Na concepção do currículo como representação, o conhecimento não é a transcrição do "real", a transcrição é que é real.*"(SILVA, 2007, p.64) [grifo do autor].

Ainda, o mesmo autor acima na análise cultural, coloca esse caráter produtivo do discurso enfatizado por Foucault (1984) se estende à noção de representação. As representações culturais não são simplesmente constituídas de signos que expressam aquelas coisas que supostamente

“representam”. Os signos que constituem as representações focalizadas pela análise cultural não se limitam a servir de marcadores para objetos que lhes sejam anteriores: eles criam sentidos. Esses sentidos são outros tantos objetos que, embora de natureza diferente, não são menos reais, em seus efeitos, que a pedra que nos atinge a cabeça. É precisamente, por parecerem “reais”, por serem “reais”, que esses sentidos têm efeito de “verdade”. Foucault, tal como a análise cultural, estava interessado justamente nesse tipo de objeto. (SILVA, 2007).

Nos estudos de sua última fase, Foucault (1984) centrou suas análises nas estreitas conexões entre discurso e poder. É talvez aqui que sua noção de discurso adquire a máxima relevância para a utilização da noção de representação feita pela análise cultural. Os discursos, tais como as representações, se situam num campo estratégico de poder. Os discursos estão localizados entre, de um lado, relações de poder que definem o que eles dizem e como dizem e, de outro, efeitos de poder que eles põem em movimento.

Nesse caso, é também falar em dispositivos de produção de sujeitos, de subjetividades, mediante um conjunto de códigos, de sentidos, mas, sobretudo, de exercício, de práticas cotidianas que modificam o modo que o aluno (a) passa a se reconhecer, a se observar a partir de determinada maneira e não de outra. Assim as questões como o conjunto de capacidades, habilidades e metodológicas, são dispositivos para dirigir com eficácia a transmissão e assimilação de conhecimentos aos alunos para empregar, com segurança, os princípios didáticos e o método didático da matéria, de modo que os alunos compreendam e assimilem os conteúdos das matérias. Ou seja, podemos entender que as metodologias, são dispositivos informados pelos alunos que mais que eles atribuírem a estas metodologias suas aprendizagens, podem realizar a esperada progressão e o sucesso na escola.

Através dos discursos escolares é possível observar que suas implicações estão relacionadas aos sujeitos aprendentes, sejam professores/as ou alunos/as e que muito do que nelas é veiculado relaciona-se com as representações daqueles/as envolvidos/as neste processo. Dessa forma, conforme Silva (1994, p.106): “[...] os professores e aprendizes são sujeitos de poder e saber, e suas ações estão sempre implicadas nas próprias relações sobre as quais (e no interior das quais) eles agem”. Portanto, o estudo ora proposto não pretende ser prescritivo, nem aplicativo, mas problematizador para o cotidiano pedagógico da escola, as relações entre poder, saber e verdade imbricadas que marcam almas e corpos dos sujeitos escolares. Ou seja, os olhares sobre o sujeito escolarizado “[...] não são desinteressados, estão historicamente comprometidos na constituição de certas políticas de identidade e de representações culturais” (CORAZZA, 2001, p. 22). Assim entender o processo de percepção narradas pelos alunos e alunas como experienciadas nas escolas é trabalhar com a idéia que Jorge Larossa diz:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (LAROSSA, 2002, p.21)

Portanto, o autor acima, nos coloca a idéia que as percepções são acontecimentos carregados de significações e que, assim, nos transforma.

A escola se mostra ainda como uma das maquinarias da Modernidade, criada para administrar a população tornando-a saudável e economicamente produtiva. Tem-se caracterizado como uma instituição que lida com o aprovar/reprovar, o sucesso/fracasso, o aprender/não aprender, dualismos difíceis de serem rompidos. Estabeleceu-se como um espaço cujo parâmetro é a normalidade, a homogeneidade, e não a diferença. Varela e Uria (1992) colocam no seu texto

sobre A Maquinaria Escolar que a intenção de adequar as classes populares à ordem estabelecida. A escola seria uma instituição encarregada de controlar a massa, “adestrando-a”, moldando-a aos interesses da burguesia em ascendência. A configuração da classe operária (no contexto das revoluções industriais) foi mediada pela implementação de medidas de controle, no sentido de formá-lo um bom operário, “amansá-lo”, acalmá-lo, em prol da ordem para o progresso.

Aborda-se ainda de acordo com Foucault (1984) fala do poder disciplinar ou ainda do poder disciplinar com o conceito do corpo como máquina ou seja um sistema de controle eficaz e econômico, possível de controle a adestramento, treinando suas forças para tornarem-se úteis, ampliando sua docilidade e utilidade viabilizando deste modo aquilo que era o objetivo inicial desse processo: a construção de um auto governo, ou seja, o controle sobre seu próprio corpo.

Assim as realidades, no entanto, não são fixas ou imutáveis, mas foram condições históricas e culturais, relações de poder e saber que constituíram essa escola, então é a hora de podemos construir, inventar outras linguagens e realidades, múltiplas práticas e saberes, diferentes relações de poder e posições de sujeitos que ensinam e aprendem.

Aqui pretende-se uma visão na crítica pós-estruturalista buscando problematizar noções de corpo e sexualidade agregadas ao conceito de gênero. Estes estudos pretendem romper com uma visão superficial de que o corpo e sua concepção anatômica inscrevem a homens e mulheres a naturalização sexual. Ou seja aquilo que é nato, natural, dado e inato, características que os diferenciam. Nesta linha de pensamento as diferenças e desigualdades constituídas sobre homens e mulheres não são da ordem da biologia: elas são social, cultural e historicamente constituídas e situadas, e não determinadas pelo viés da anatomia de seus corpos. Então diferentes sexualidades podem ser constituídas, independente deste corpo biológico percebido. Parece que as escolas ainda trabalham com este sentido, biológico, naturalizado e reprodutor. Confirmando esse pressuposto, nas palavras de SILVA (1999) :

Gênero “opõe-se, pois, ao “sexo” enquanto este último termo fica reservado aos aspectos estritamente biológicos da identidade sexual, o termo “gênero” refere-se aos aspectos socialmente construídos do processo de identificação sexual. Essa separação é hoje questionada por algumas perspectivas teóricas, que argumentam que não existe identidade sexual que não seja já, de alguma forma, discursiva e socialmente construída, mas a distinção conserva sua utilidade. (SILVA, 1999, p.91) [grifo do autor]

Para Louro (2007) as questões de gênero vão na direção do caráter efêmero e transitório do corpo, a ideia de base biológica e binária (homem x mulher) vai dando abertura e espaço nas teorizações para o entendimento de que o corpo (e a sexualidade) são constructos sociais, culturais, políticos e historicamente engajados, constituídos e situados, marcados por signos e códigos

Desta forma a escolha deste estudo é por uma perspectiva teórica que pretende conceber em que condições histórico, sociais e culturais foram sendo construídos os conceitos de gênero e sexualidade. Scott (1990) importante historiadora resgata o que ela defende uma necessária a recuperação da história do conceito. Scott diz que tentar definir em um único termos este conceito parece uma causa perdida, pois as palavras, ideias e coisas e o que elas que significam têm uma história que dão um sentido de acordo com as circunstâncias em que surgem. Joan Scott marca de forma significativa a produção acadêmica que utiliza o conceito de gênero. Surge então a partir de desta estudiosa um número e desta forma muitos trabalhos, pesquisas e produções acadêmicas baseiam-se nos estudos desta autora.

### **3. Metodologia**

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, intermediada por pesquisas do tipo bibliográfica, Estado da Arte ou Estado do Conhecimento. "Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões." (Ferreira, 2002, p.257).

Ainda estudos como Romanowski e Ens, sobre pesquisas em Estado da Arte e Educação ressalta-se que "esses trabalhos não se restringem a identificar a produção, mas analisá-la, categorizá-la e revelar os múltiplos enfoques e perspectivas" (2006, p. 39).

Quanto à relevância, contribuição e possibilidades sobre essa modalidade de pesquisa, Soares e Maciel ressaltam que essas pesquisas ...

Estas pesquisas são:

[...]de grande importância, pois pesquisas desse tipo é que podem conduzir à plena compreensão do estado atingido pelo conhecimento a respeito de determinado tema, sua amplitude, tendências teóricas, vertentes metodológicas. Essa compreensão do estado do conhecimento sobre um tema, em determinado momento, é necessária no processo de evolução da ciência, a fim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos, ordenação que permita a indicação das possibilidades de integração de diferentes perspectivas, aparentemente autônomas, a identificação de duplicações ou contradições e a determinação de lacunas ou vieses (2000, p. 9).

Ainda em se tratando desta metodologia sobre o estado da arte, Romanowski e Ens descrevem que:

Estados da arte podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois, procura identificar os aportes significativos de construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontam alternativas de solução para problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada (2006, p. 39).

Aponta-se também a crescente quantidade de produções acadêmicas e de pesquisas sobre as mais variadas áreas do conhecimento e a devolução e utilidade pública das informações e sua devolução a sociedade. Assim Pillão (2009) aponta como justificativa para elaboração dessas pesquisas o significativo crescimento numérico (aspecto quantitativo) e a diversidade de enfoques (aspecto qualitativo) da produção científica desenvolvida em torno de uma área em um determinado período. Na mesma linha de entendimento quanto a importância destes tipos de pesquisa, Simó (2010) destaca que essas pesquisas recaem na necessidade de dar visibilidade às produções das áreas.

Autores de pesquisas em Estado da Arte como Carvalho e Bueno (2004) destacam que a importância das pesquisas do tipo estado da arte contribuem para a divulgação e reflexão acerca dos conhecimentos já produzidos e podem nortear a estudos ainda não produzidos e poderem encaminhar suas próprias investigações conhecendo alguns dos caminhos considerados mais relevantes pelos trabalhos já realizados. Desta forma as pesquisas sobre estado do conhecimento em determinadas temáticas podem também servir de alternativa para oferecer uma visão sintética e crítica sobre uma área específica.



E pretendido identificar uma produção significativa e diversificada sobre a temática, neste sentido a pesquisa bibliográfica é um exaustivo estudo das produções acadêmicas sobre o tema pretendido. Neste sentido Gil destaca ainda que:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo. (Gil, p.50. 2012).

Assim de acordo com Conti (2013) em recente pesquisa em Estado da Arte sobre "O estado do conhecimento sobre gênero na bibliografia internacional" a pesquisadora declara que se propor a um trabalho desse porte, não estará fazendo uma síntese de toda a educação brasileira, ou toda a história da educação brasileira, ou qualquer que seja o tema, " estará apenas estudando um fragmento importante do assunto, que deve ser investigado, que deve ser entendido sobre a sua evolução, sobre o que se tem falado a respeito." (Conti, p.31, 2013)

#### **4. Resultados e Discussões**

Os resultados e discussões preliminares neste projeto de investigação até o momento apresentam um mapeamento teórico sobre questões balizadoras na temática pretendida sobre Educação e ou Orientação Sexual presentes nas publicações realizadas em periódicos nacionais escritos em Língua Portuguesa, qualificados no Sistema Webqualis nos estratos A2 e A1, sobre o que é produzido em forma de publicações científicas em revistas no Brasil no período de 2005 a 2015.

Apontamos aqui alguns estudos preliminares sobre categoria ensino de sexualidade e Gênero em escolas uma pesquisa em 2005: Entre pinóquios e Emílias: sexismo, gênero e sexualidade na educação de meninos e meninas, formando professoras Santos (2005). Estudos entre 2005 e 2011 encontrados trazem a denominação de Educação Sexual nas escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio em uma concepção médico/biológico, higienista. As pesquisas descrevem que a educação sexual se dava nas aulas de ciências. Um estudo de (Souza) 2011 avalia o Programa Federal de 2003 sobre Saúde e Prevenção nas escolas dos Ministérios de Saúde e Educação, UNESCO e UNICEF que basicamente preconizava a distribuição de preservativos, informações sobre DSTs de cunho biológico, informações sobre reprodução humana. Os resultados deste estudo apontaram para um grande interesse dos atores na abordagem do tema da sexualidade, contudo, foi observado o distanciamento e dificuldade por parte dos professores, sobre como abordar o assunto da sexualidade na rotina escolar. Ainda estudos entre 2009 e 2011: Santos (2010), Campos (2011), Franca (2011) os resultados sinalizam que, apesar de a maioria dos atores acreditarem que a escola deva realizar um trabalho efetivo sobre educação sexual, existe um distanciamento entre as práticas pedagógicas e a proposta curricular das escolas investigadas. Estudos ainda referem o ensino de educação sexual aos professores de Ciências e Biologia apontados para uma visão médica, higienista moral e religiosa. Nascimento (2012) através de uma pesquisa que buscou as representações sociais de sexualidade entre alunos e professores do Ensino Médio. Os resultados apontam que professores e professoras possivelmente reproduzem em suas práticas as representações sobre sexualidade que receberam no âmbito familiar, e sendo representações normativas e dicotômicas, as aulas de Orientação sexual são focadas na biologia reprodutiva, na

heteronormatividade, na prevenção de doenças e de uma gravidez indesejada, nas diferenças de gênero e temas polêmicos são deixados de lado. Ainda alguns estudos também no descritor pesquisado: Ensino remetem-se ao termo Orientação Sexual como também nas aulas de Ciências e Biologia. De acordo com os PCNs (1998) a orientação sexual deve impregnar toda a área educativa, sendo a Educação Física um espaço privilegiado de intervenção. As questões previstas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, de acordo com a lei de Diretrizes e Bases 9394 de 20 de dezembro de 1996, propondo orientações gerais sobre o currículo básico: Português, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Educação Física e Artes. Ainda na tentativa de compor um conjunto articulado e aberto a novos temas (dando-lhes a mesma importância das áreas convencionais) e visando uma educação voltada para a construção cidadania (através de uma aprendizagem crítica e reflexiva), foram criados os Temas Transversais. São eles: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. desta forma o tema em questão busca considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade.

Oito estudos: Santos (2011), Campos (2011), Franca (2011), Lima (2011), Souza (2011), Yared (2011) Almeida (2012) indicam que através de pesquisas com professores do ensino fundamental e médio reconhecem que a escola deve trabalhar o tema sexualidade e gênero, porém ao mesmo tempo declaram não sentirem-se preparados para abordar este tema. Como parte dos resultados podemos perceber que a educação sexual é considerada como necessária e já presente nas modalidades de ensino pesquisadas, contudo encontra desafios para sua efetivação, dentre os quais: falta de formação docente para abordar questões relativas à sexualidade e gênero em sala de aula; poucas atividades educacionais voltadas para a educação sexual; matriz curricular voltada para conteúdos disciplinares restritos; influência religiosa sobre as formas de inserir a educação religiosa nos cursos investigados; resistência das famílias dos educandos sobre educação sexual. As pesquisa revelaram ainda que educação sexual é percebida como forma de orientação, apontando uma preocupação principalmente em relação à gravidez na adolescência.

Os mesmos professores pesquisados sugerem formação e capacitação para lidarem com estes assuntos em sala de aula. Determinado estudo coloca na fala dos professores pesquisados que há um grande distanciamento da teoria que estudam neste assunto e a prática pedagógica para trabalhar sexualidade com seus alunos e alunas nas escolas. Quirino (2012) em um importante estudo de doutoramento com 67 alunos de Ensino Fundamental e Médio através, de uma análise de forma reflexiva e interpretativa, considerou que os/as estudantes referiram que os/as professores/as, geralmente, não abordavam as questões em sala de aula e quando esta esteve presente localizava-se, predominantemente, nas ciências biológicas, pautadas na prerrogativa da prevenção das infecções sexualmente transmissíveis. O conceito de sexualidade, investigado por este autor, foi dividido em duas categorias: sexo e opção sexual. Além de aspectos corporais, o estudo de Quirino (2012) revelou nas falas dos pesquisados, elementos espirituais e de expressão do amor entre os seres, embora estes fossem secundários aos atributos genitais e do intercuro sexual, circundados pelo caráter naturalista destas questões. A educação sexual foi colocada pelos sujeitos da pesquisa pautada sobre três eixos: relação sexual, fisiologia corporal e comportamento social. Para os/as docentes, as aulas de ciências se figuraram como espaço mais adequado para se tratar do assunto. Constatou-se que, mesmo sendo o assunto suscitado por parte dos/as estudantes, os/as professores/as se omitiram em realizar qualquer intervenção. Observou-se a presença de valores morais e pessoais na condução das práticas educativas, atitudes de silenciamento em relação ao preconceito a homossexuais e perda da virgindade, assim como manutenção das desigualdades de gênero. Conclui-se que a abordagem da sexualidade no espaço escolar não ocorre de forma transversal. A prática pedagógica configurou-se como sexista em ambiente generificado que usa o silenciamento como forma de disciplinamento e controle da sexualidade assim como, para a manutenção da ordem hegemônica, produzindo e reproduzindo os valores e as atitudes do modelo de sociedade patriarcal e machista. Neste sentido, o trabalho docente, segundo resultados apontados na

pesquisa de Quirino (2012) precisa de constante renovação, sendo preciso superar o modelo biomédico/científico na sexualidade, considerando dimensões histórica, social, cultural e política, cuja transversalidade das ações deve ser meta a ser alcançada nos diversos campos do saber.

Aos buscar um Conceito de Educação Orientação Sexual encontra-se de acordo com Leôncio (2006) que é o conjunto de orientações transmitidas informalmente sobre a sexualidade que reproduzem nos jovens os padrões e valores morais e éticos dominantes na sociedade.

Ainda em relação a produção recente Toneli (2012) sobre os estudos de gênero e sexualidade e gerações, intitulado: Gênero e Sexualidade na produção literária: visibilizando o corpo a pesquisadora encontrou com mais frequência debates complexos direcionadas perspectivas pós-estruturalistas, e também uma interlocução com a psicanálise. Destacam-se os trabalhos publicados em revistas acadêmicas dedicadas aos feminismos como a Revista Estudos Feministas (REF) e a Cadernos PAGU, assim como a revista Psicologia & Sociedade da ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social), em um cenário que inclui revistas das mais diversas áreas, em especial as da Saúde e da Educação.

## **5. Considerações Finais**

A sexualidade é uma questão da própria sociedade, uma questão de cidadania. Neste sentido, a educação sexual escolar deve proporcionar uma reflexão voltada para as múltiplas formas de manifestações da sexualidade humana e o lugar que estas manifestações ocupam em nossa sociedade: o sexo, o desejo, o medo, o amor, o corpo biológico, o corpo social, o corpo cultural, a paixão, a sensibilidade, os papéis sociais e os papéis sexuais.

A escola deve ser um espaço, não como controladora da vontade do sujeito, mas como instância propiciadora de reflexão sobre o assunto. A educação sexual pretendida nos PCNS (1997) é antes de tudo Educação, e como tal tem o papel de provocar mudanças. Mudanças estas que tornem os seres humanos cada vez mais humanos. A Educação Sexual deve estar a serviço do indivíduo e da sociedade. [...]. Podemos perceber através da história e da história da educação (sexual) brasileira, que esta tem suas raízes fundamentadas na medicina social do século XVIII, com objetivos claros de cuidar da saúde da sociedade. Assim o que se deve entender é que o momento histórico atual da nossa sociedade o tema da educação sexual deve estar voltada para a formação global do indivíduo, ressaltando valores um pouco esquecidos, tais como: a solidariedade, o respeito, a cooperação. Ou seja uma educação que requer um olhar mais para as diversidade de gênero e sexualidade. Diante do exposto, podemos concluir que a educação sexual no Brasil ainda está em construção e que, no campo dos estudos historiográficos, ainda há muito que descobrir PCNS (1997).

## **Referências**

ALTMANN, H. **ORIENTAÇÃO SEXUAL NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**. Revista dos estudo Feministas, Vol. 9, Nº 1, 2001.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MECSEF, 1998.



CONTI, D. **O estado do conhecimento sobre gênero na bibliografia internacional**. RJ: 2013  
Dissertação de Mestrado.

**PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais. Orientação Sexual.**

\_\_\_\_\_. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MECSEF, 2000.

LOURO, G. L. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.

\_\_\_\_\_. Pedagogias da Sexualidade. In.: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O Corpo Educado: pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade, v. 22, nº 2, p. 15-46, n.2, jul./dez., 1997.

FERREIRA, N. S de A. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. Revista Sociedade & Educação, ano XXIII, n 79, agosto de 2002.

Gil, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**- 6. ed. - São Paulo : Atlas, 1988.

Gil, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**- 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2012.

CARVALHO, M. P. de; BUENO, B. O. **Editorial**. Educação e Pesquisa, São Paulo, FEUSP, v. 30, n. 1, p. 1, jan./abr. 2004.

COSTA, Marisa C. V. (org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

FOUCAULT. M. **A História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1984, 1990, 1997.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, 16(2), 5–22, 1990.

SANTOS, A. D. **Entre pinóquios e Emilias: sexismo, gênero e sexualidade na educação de meninos e meninas, formando professoras**. Dissertação de Mestrado, UNISINOS, São Leopoldo, 2005.

SILVA T. T. da, **Currículo como fetiche - a poética e a política do texto**. BH: autêntica, 2007.

CORAZZA, Sandra. **O que quer um currículo?: Pesquisas pós-críticas em Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LARROSA . J.B. **Notas sobre o saber e a experiência do saber**. Revista Brasileira de Educação. 2002 Número 19.

VARELA, Julia & ALVAREZ-URIA, Fernando. **A Maquinaria Escolar**. In: Teoria e Educação, Porto Alegre: vol.6, p. 68-96, 1992.

YARED, Y.B. (2011). **A educação sexual na escola: tensões e prazeres na prática pedagógica de professores de ciências e biologia**. Dissertação de Mestrado, Universidade do Planalto Catarinense, Lages, Santa Catarina.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T.. **As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação.** Revista Diálogo Educacional, Curitiba, PUC/PR, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006.

PILLÃO, D. **A pesquisa no âmbito das relações didáticas entre matemática e música: estado da arte.** 2009. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SIMÓ, C. H.. **O estado da arte das teses acadêmicas que abordam arte e inclusão: um recorte de 1998 a 2008 no Brasil.** 2010. 181f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

TONELI, MJF. **Sexualidade, gênero e gerações: continuando o debate.** In **JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. Diálogos em psicologia social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 147-167. ISBN: 978-85-7982-060-1. Available from SciELO Books.